

Barbara Juršič

Ljubljana

A temporalidade em *O último voo do flamingo* do escritor moçambicano Mia Couto

Palavras-chave: temporalidade, tempo, não-tempo, percepção ocidental, percepção africana

1 A percepção do tempo em geral e a percepção ocidental

A nossa percepção geral do tempo é chamada de ocidental. É aquela que nos herdamos da tradição europeia, nacional, dos nossos pais. E, na maioria das vezes, torna-se também a nossa percepção pessoal.

A teoria da relatividade pôs fim à ideia do tempo absoluto. Tudo é relativo. Brincalhão e com muito humor, Einstein explicava numa carta a teoria da relatividade a dizer que quando estamos sentados ao lado de uma rapariga bonita por duas horas, parece que foi só dois minutos mas quando estamos sentados num fogão aceso por dois minutos, parece que foram duas horas. É assim que funciona a relatividade.

No livro *O último voo do flamingo* do moçambicano Mia Couto, a percepção do tempo ocidental é confrontada com aquela africana, totalmente diferente e incompatível com a primeira. Na vila de Tizingara, nos primeiros anos de pós-guerra, tudo parecia correr bem, os capacetes azuis já haviam chegado para vigiarem o processo de paz, mas por razões desconhecidas esses mesmos começaram, de súbito, a explodir. Massimo Risi, um italiano que trabalha para as Nações Unidas, vem investigar as estranhas explosões. Colocam-lhe um tradutor (que precisa de traduzir tudo menos palavras) e através do relato dele tomamos conhecimento dos factos e entramos num mundo de vivos e de mortos, de realidade e de fantasia, de feitiços e de sobrenatural. Qual é a percepção da vida no romance?

A vida é assim: peixe vivo, mas que só vive no correr da água. Quem quer prender esse peixe tem que o matar. Só assim o possui em mão. Falo do tempo, falo da água. Os filhos se parecem com água andante, o irrecuperável curso do tempo. Um rio tem data de nascimento? Em que dia exacto nos nascem os filhos? (Couto, 2000: 47)

O tempo, tal qual a água, tal qual a vida, tem que correr para *ser vivo*. O tempo parado significa *o crescimento do tempo, a dilatação do tempo* e, à continuação, *o não-tempo* (o não-tempo pode significar pelo menos duas coisas – pode ser ligado à realidade, à situação nos países africanos onde a primeira coisa que é precisa é sobreviver, no caso do Moçambique significa por exemplo o esquecimento do passado traumático, e por outro lado, pode significar o eterno, o atemporal). Daqui decorre uma constatação muito importante que é o fio vermelho, o leitmotiv do romance inteiro: *a vida tem que correr para ser viva, o tempo é só parado que cresce*. O tempo dilata-se para um presente omnipresente, se podemos dizer assim, para um tempo sem princípio nem fim, para um não-tempo. Quando parado, não há nem passado nem futuro, e por isso também não há esperança para um amanhã melhor, embora seja mais fácil aguentar num não-tempo do que lembrar o passado, tirá-lo do não-tempo e fazê-lo parte da vida do povo moçambicano. O tempo corre irrecuperavelmente, como a água, nos também, no nosso mundo ocidental, fazemos muitos paralelos tempo/água, mas só quando o tempo fica parado é que conseguimos apanhar o momento e fazê-lo atemporal, fazê-lo não-tempo no sentido de atemporal, de petrificação do tempo, de esquecimento total, ligado ao não-espaco, se não, ao correr, escapa-se-nos pelos dedos, fica sem substância, por assim dizer, sem que uma pessoa tenha consciência dele. O correr do tempo é então igual para ambas as perceções, mas os ciclos são diferentes; o nosso é linear e o africano é cíclico. No romance, o pai do tradutor pergunta:

O rio parou? O italiano me olhou, arrelampejado. Eu sabia que não era para se responder. Ele, afinal, não falava o que dizia. Referia outro assunto. Cada coisa tem direito a ser uma palavra. Cada palavra tem o dever de não ser nenhuma coisa. Seu assunto era o tempo. Como o rio: *parado é que o tempo cresce*. (Couto, 2000: 139)

A última frase faz também alusão a uma coisa concreta que são as cheias, as inundações que avassalaram o país depois de o livro ter sido escrito. Embora a perceção do tempo seja mais ou menos igual num continente determinado,

cada ser humano tem além disso uma percepção pessoal, um tempo seu. «Eu olhava a teimosia do meu pai e me parecia ver nele uma raça inteira sentando o seu tempo contra o tempo dos outros» (Couto, 2000: 138). Aqui se trata do tempo no sentido da realidade, de uma percepção pessoal do tempo. Podemos fazer paralelismo com outra obra de Mia Couto, *Cada homem é uma raça*, então a frase pode fazer referência a uma raça, a uma geração (a velha do pai contra a jovem do filho/tradutor), a um grupo de pessoas ou a um particular. E qual a diferença entre as duas concepções do tempo? Nós, os ocidentais, conhecemos a concepção linear do tempo com o passado, o presente e o futuro, os africanos, neste caso os moçambicanos, conhecem a concepção circular com um grande presente. O nosso presente é só um momento ínfimo e o deles é enorme. Nós passamos a vida a correr e por isso não conseguimos apanhar a vida que nos foge também ao morrer, usando a ironia. Mas, é só na tranquilidade, na calma, no sossego e ao parar que apanhamos o tempo, o momento e o fazemos nosso, e por assim dizer atemporal.

2 A percepção africana

É similar à latino-americana – não há passado nem futuro mas só um grande presente, não há limite entre a morte e a vida, fazem parte de um mesmo ciclo, o que não é o caso na Europa.

«Em fins de tarde, os flamingos cruzavam o céu. Minha mãe ficava calada, contemplando o voo. Enquanto não se extinguíssem os longos pássaros ela não pronunciava palavra. Nem eu me podia mexer. Tudo, nesse momento, era sagrado» (Couto, 2000: 49). A imagem que Mia Couto usa para ilustrar a percepção moçambicana e a realidade moçambicana são os flamingos (o título!), a atemporalidade é pintada com eles, mas não só, eles são também anunciadores de um tempo novo porque conseguem fazer correr, mexer o tempo outra vez. No momento em que eles passam, o tempo para, torna-se sagrado, mas sagrado é também o futuro (na percepção do povo moçambicano) e por isso os flamingos também anunciam uma esperança para o futuro, um futuro, esperemos, melhor. Vejamos mais em pormenor alguns exemplos de percepção africana: o italiano, quando chega, diz: «Eu posso falar e entender. Problema não é a língua. O que eu não entendo é este mundo daqui» (Couto, 2000: 42); o mundo africano é dificilmente perceptível para um europeu, por isso ele precisa de um tradutor como já foi referido. O italiano tem que deixar atrás toda a sua *bagagem* cultural e todo o seu conhecimento ocidental para poder penetrar nesse mundo, tão diferente daquele que conhece, e tentar saber alguma coisa dos desaparecimentos.

Sem mudança que ocorresse nele não é possível saber nada, não se pode abrir a porta desse outro mundo com o qual se vê confrontado. Ele tem de aceitar a possibilidade de *não-tempo*, de ciclismo. O italiano é muito impaciente e por isso recebe um conselho: «Anteceder-se ao tempo é coisa que só pode trazer azares. E o anfitrião aconselhou: o hóspede que pousasse as malas e a alma» (Couto, 2000: 38). Só devagarinho, *com tempo*, é que conseguirá fazer as coisas que pretende, penetrar no essencial, *na alma das coisas e talvez pessoas*. A alma que ele tem de pousar é aquela, ligada a uma outra temporalidade, a ocidental, tem de pousar a alma que tinha até agora e admitir uma outra realidade e assim uma outra faceta da alma dele que antes ainda não conhecia, uma outra alma, por assim dizer. Lemos no romance: «[...] essa mentira de termos *uma só alma*» (Couto, 2000: 43). Fernando Pessoa diz que *somos múltiplos*. Ao instalar-se no quarto dele, o italiano testemunha um encontro que o confronta com essa realidade, a temporalidade completamente diferente. Aqui temos a noção do tempo parado, de um grande presente, do atemporal.

De repente, o italiano tropeçou num vulto. Era uma velha, talvez a mais idosa pessoa que ele jamais vira. Ajudou-a erguer-se, conduziu-a até à porta do quarto do lado. Só então, face à intensa luminosidade que escapava de uma janela, ele notou a capulana mal presa em redor da cancrómida vizinha. O italiano esfregou os olhos como se buscasse acertar visão. É que o pano deixava entrever um corpo surpreendentemente liso, de moça polpuda e convidativa. Era como se aquele rosto encarquilhado não pertencesse àquela substância dela. (Couto, 2000: 41)

Depois deste encontro, o italiano queixa-se: «Eu não posso entender! É difícil, sim senhor. Até porque essa mulher não existe. Não existe? Não existe do modo como o senhor pensa» (Couto, 2000: 61). Para melhor navegar neste mundo tão diferente do dele, o italiano recebe outro conselho (e nós podemos identificar-nos com ele).

E, no fim, só um conselho. É que há perguntas que não podem ser dirigidas às pessoas, mas à vida. Pergunte à vida, senhor. Mas não a este lado da vida. Porque a vida não acaba do lado dos vivos. Vai para além, para o lado dos falecidos. Procura desse outro lado da vida, senhor. (Couto, 2000: 159)

Os mortos, que sabem muito, falam pela boca dos vivos, diz Mia Couto. Por eles é possível descobrir alguns segredos. Não há distinção entre o lado de cá

e o lado de lá. Também na morte, a vida prolonga-se e os mortos podem falar através dos vivos, como já foi referido. Eis alguns exemplos. «Nossa gente não vive sem tratar os do lado de lá, passados a poente fino. Habitamos assim: a vida a oriente, a morte a ocidente. [...] Não vê os rios que nunca enchem o mar? A vida de cada um também é assim: está sempre toda por viver» (Couto, 2000: 51-52). A vida e a morte confundem-se num ciclo só.

Viver é fácil: até os mortos conseguem. Mas a vida é um peso que precisa ser carregado por todos os viventes. A vida, caro senhor, a vida é um beijo doce em boca amarga. Se acautele com eles, meu amigo. Uns não vivem por temer morrer; eu não morro por temer viver. Entende, o senhor? O tempo aqui é de sobrevivências. Não é lá como na sua terra. Aqui só chega ao futuro quem vive devagarzito. Nos cansamos só a afastar os maus espíritos. (Couto, 2000: 157)

Vamos ver na continuação quem são *os maus espíritos*. Do lado de lá está a tia Hortênsia que, ainda viva, «[...] ficava na varanda o dia inteiro, fingindo olhar o tempo. Não era no tempo que punha o olhar. Porque, a bem dizer, ela ganhara acesso a outras visões» (Couto, 2000: 65-66). Via além e ainda após a morte visitava os vivos na *pele* de um louva-a-deus que «não era um simples insecto. Era um antepassado visitando os viventes» (Couto, 2000: 62). Os mortos visitam os vivos e fazem parte da vida deles. Muitas vezes num corpo diferente daquele que tinham quando eram vivos. O pai do tradutor, que é muito sábio, pensa assim: «segundo ele o corpo era feito de tempo. Acabado o tempo que nos é devido, termina também o corpo. Depois de tudo, sobra o quê? Os ossos. O não-tempo, nossa mineral essência. Se de alguma coisa temos que tratar bem é do esqueleto, nossa tímida e oculta eternidade» (Couto, 2000: 136). Quando o pai ia dormir pousava os ossos, *despia* a ossatura. O esqueleto é imóvel, não é volátil como a alma. No número 3, tentaremos mostrar sobretudo a ligação deste conceito com o período de pós-guerra traumático no Moçambique.

3 Tempo – não-tempo

É preciso reconquistar este tempo, fazê-lo nosso.
Mia Couto

O título é ligado à história, ao período traumático de guerra do povo moçambicano. Pode ter pelo menos duas interpretações; uma mais real e outra, ligada ao atemporal, ao eterno, como sublinhou também o escritor Mia Couto.

Falemos nestas duas noções no exemplo moçambicano, em relação à história contemporânea moçambicana. O abismo que aparece no livro como metáfora da situação de pós-guerra é um símbolo do não-tempo, da *estratégia de fazer desaparecer* o tempo que se quer esquecer. É preciso reconquistar este tempo, *fazê-lo nosso*, como diz Mia Couto. Depois do período traumático, é natural sentir saudades do não-tempo, é muito mais difícil confrontar o tempo e fazê-lo seu, com todo o magoante que trouxe à nação. «Saudade de um tempo? Tenho saudade é de não haver tempo [Dito de Tizingara]» (Couto, 2000: 35). O que acontece então na vila de Tizingara? Com Estêvão, o governador da vila, «se passou o seguinte: a sua vida esqueceu-se da sua palavra. O hoje comeu o ontem. Com meu pai passou-se o oposto – ele queria viver em nenhum tempo» (Couto, 2000: 165). Por um lado, o mau vem de fora: vai ser preciso bastante tempo para a situação mudar, um tempo novo há-de chegar mas tudo depende do povo, um tempo novo tem de nascer dentro do povo moçambicano (distinção do tempo interior/exterior).

O que fizeram esses brancos foi ocuparem-nos. Não foi só a terra: ocuparam-nos a nós, acamparam no meio das nossas cabeças. Somos madeira que apanhou chuva. Agora não acendemos nem damos sombra. Temos de secar à luz de um sol que ainda não há. Esse sol só pode nascer dentro de nós. (Couto, 2000: 158)

Mas, o mau não veio só de fora, o maior mau vem de dentro (como vimos também antes, no caso do governador da vila Estêvão): «Se os chefes, neste novo tempo, respeitassem a harmonia entre terra e espíritos, então cairiam as boas chuvas e os homens colheriam gerais felicidades» (Couto, 2000: 114). Cada país precisa do seu espaço para preenchê-lo e da sua liberdade para ser vivida no tempo, para afastar o não-tempo e o não espaço. No período do não-tempo, não se está nem no tempo nem no espaço mas fora do tempo e do espaço. Os habitantes são expatriados, exilados da própria terra, do próprio espaço e do próprio tempo! «[...] cada país ficaria em suspenso, à espera de um tempo favorável para regressar ao seu próprio chão. Aqueles territórios poderiam então ser nações, onde se espeta uma sonhada bandeira. Até lá era o vazio do nada, um soluço no tempo» (Couto, 2000: 221). Eis uma imagem muito bonita do que é para eles o tempo. São saudades daquilo que foi. Lembra o título do outro livro de Mia Couto *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. «Para nós a terra é uma boca, a alma de um búzio. O tempo é o caracol que enrola essa concha. Encostamos o ouvido nesse búzio e ouvimos o princípio, quando tudo

era antigamente» (Couto, 2000: 190). No final do romance, as palavras que são palavras de esperança de um tempo novo, melhor, promissor, anunciado pelos flamingos, são destinadas ao italiano: «E agora se vá. Vire costas e não volte para trás [...] Vá, que um outro tempo nos há-de visitar» (Couto, 2000: 185). Ele quer encontrar a resposta às dúvidas pelas quais veio do seu mundo para este mundo tão diferente, à terra de um povo, atormentado pela guerra que lhe roubou o tempo que agora tem de reconquistar para fazê-lo seu e para poder começar a construir um presente, à espera de um outro tempo, um tempo melhor, que nascesse dentro de cada um, nas alas dos flamingos. O povo moçambicano tem de começar a *construir um presente novo e melhor sozinho, depois de reconquistar o passado e acreditar (simbolicamente nos flamingos, quer dizer num futuro melhor) para que o tempo comece a correr outra vez.*

[...] me perguntei se a viagem em que tinha embarcado meu pai não teria sido o último voo do flamingo. Ainda assim, me deixei quieto, sentado. Na espera de um outro tempo. Até que escutei a canção de minha mãe, essa que ela entoava para que os flamingos empurrassem o sol do outro lado do mundo. (Couto, 2000: 224-225)

Bibliografia

- Avguštin (2003): *Izpovedi*. Celje: Mohorjeva družba.
- Camilo, D. (2008): «A concepção de tempo em Santo Agostinho», *Webartigos*: <http://www.webartigos.com/artigos/a-concepcao-de-tempo-em-agostinho/8524/> (29-09-2011).
- Couto, M. (1990): *Cada homem é uma raça*. Lisboa: Caminho.
- Couto, M. (1992): *Terra sonâmbula*. Lisboa: Caminho.
- Couto, M. (2000): *O último voo do flamingo*. Lisboa: Caminho.
- Couto, M. (2002): *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. Lisboa: Caminho.
- Donizetti da Silva, L. (2008): «Tempo e temporalidade na filosofia de Sartre», Em: *Princípios*, 15, 24, 225-248.
- Lourenço, E. (1991): *O labirinto da saudade*. Lisboa: D. Quixote.
- Pessoa, F. (1942-1974): *Obras completas*, Coleção Poesia, Lisboa: Edições Ática.
- Strnad, J. (2000): *Fiziki*, 3. del. Ljubljana: Modrijan, 103-112.

Barbara Juršič

Ljubljana

The concept of time in the novel *The Last Flight of the Flamingo* by Mia Couto

Keywords: temporality, time, no-time, occidental concept of time, African concept of time

In the novel, the European linear concept of time rooted in Christianity meets the non-European, i.e. African notion of time which, like that of Latin America, is cyclical. Alongside these two concepts there also exists an individual perception of the temporal dimension.

Massimo Risi, an Italian working for the United Nations, comes to investigate unusual explosions. He is assigned an interpreter. Through his narrative we witness events and enter the world of the living and the dead, of reality and fantasy, of magic and the supernatural. How can one negotiate between the Europeans, for whom *now* is practically non-existent and the Mozambicans who, on one hand, lack a word for the future, which they perceive as something sacred and untouchable, while on the other the past has generated so much disappointment and inflicted so much pain that they simply wish it would fade into oblivion so they could create a new time? Yet, there is little hope for a new and brighter time unless they somehow overcome the traumatic war period and transform it into *their time*. This novel is about recovering the time lost in the past by relying on the wisdom of ancestors; it speaks of creating a new time, our time, and of man's aspirations for a better future on the wings of flamingos signifying hope.

Barbara Juršič

Ljubljana

Pojmovanje časa v romanu *Zadnji plamenčev let* mozambiškega pisatelja Mia Couta

Ključne besede: pojmovanje časa, čas, nečas, zahodnjaško pojmovanje časa, afriško pojmovanje časa

V romanu *Zadnji plamenčev let* se naše evropsko linearno pojmovanje časa, ki ima korenine v krščanstvu, srečuje z neevropskim, tokrat afriškim, ki je, tako kot npr. latinskoameriško, ciklično. Poleg teh dveh konceptov je prisotno še individualno dojemanje časovne dimenzije.

Massimo Risi, Italijan, ki dela za Združene narode, pride raziskovat nenavadne eksplozije. Dodelijo mu prevajalca. Skozi njegovo pripoved smo priča dejstvom in vstopimo v svet živih in mrtvih, resničnosti in fantazije, čarovnij in nadnaravnega. Kako krmariti med Evropejci, za katere *zdaj* tako rekoč ne obstaja, in Mozambičani, ki ne poznajo besede za *prihodnost*, saj jo dojemajo kot nekaj svetega, nedotakljivega, preteklost pa je prinesla toliko razočaranj, pustila toliko ran, da si jo želijo pozabiti, ustvariti nov čas? Vendar si novega, svetlejšega časa ni mogoče ustvariti, če tistega travmatičnega iz vojnega obdobja nekako ponovno ne pridobijo in ga spremenijo v »svoj čas«, kot pravi pisatelj.

To je roman o lovljenju izgubljenega časa preteklosti s pomočjo modrosti prednikov, o ustvarjanju novega, našega časa in stremljenju k boljši prihodnosti, ki si jo vsi želimo, na krilih preletavajočih plamencev, ki naznanjajo upanje.